

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Maria Aparecida Junqueira Zampieri**

**Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto**

**São José do Rio Preto**

**2018**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Entrevistada: Maria Aparecida Junqueira Zampieri

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Local da entrevista: Sala dos professores do prédio da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

Data: 25 de agosto de 2018

Técnico de gravação: Victória Cassiano Machado - aluna da 1ª série do ETIM Informática de 2018

Duração: 35 minutos

Número de vídeos: um

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 16 páginas

## **Sinopse da entrevista**

Para compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto nas capacitações do Clube de Memórias XXIX e XXX, Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, a ser finalizado com confecção e publicação do E-book 2, sob a coordenação de Maria Lúcia Mendes Carvalho, a participante Jurema Rodrigues, da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, de São José do Rio Preto, realizou a entrevista de história oral temática com a colaboradora, professora Maria Aparecida Junqueira Zampieri, no dia vinte e cinco de agosto de 2018, às dez horas, na sala dos professores do prédio da Instituição. A entrevistada ministrou aulas da disciplina de Física na Etec Philadelpho Gouvêa Netto, no período de 1979 a 2011. Foi coordenadora do Projeto Psicodrama na Educação, aplicado aos alunos da Instituição, tendo em vista que desenvolveu atividades do projeto de psicodrama integradas às aulas do componente curricular de Física, no período de 1987 a 1994. Dirigiu peças criadas pelos alunos da ETESG Philadelpho Gouvêa Netto, denominação da Unidade escolar na época, com a temática interdisciplinar dos componentes de Física e Psicologia na área de psicodrama, sendo uma delas intitulada “De Aristóteles a Galileu”, apresentada na 3ª Mostra Técnico da Instituição no ano de 1987, e a peça teatral intitulada “Indução Magnética”, apresentada na Noite dos Talentos da Instituição, no Teatro Municipal no ano de 1988. Após o cumprimento das etapas de filmagem, edição, transcrição e a transcrição da entrevista propostas pelo projeto História oral na Educação: Memórias do Trabalho docente finalizam-se, dessa forma, o estudo com a publicação do registro historiográfico no E-book do Centro Paula Souza, com isso, fomentam-se os estudos e pesquisas em memórias e história da educação profissional do Centro Paula Souza e promove-se o acervo do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto.

## Transcrição da entrevista

Entrevistada: **Professora Maria Aparecida Junqueira Zampieri** / Etec  
Philadelpho Gouvêa Netto

Data da transcrição da entrevista: 10 de outubro de 2018

Nome da transcritora: Jurema Rodrigues

**JR:** Entrevista com a professora Maria Aparecida Junqueira Zampieri, mais conhecida como Tina, no dia vinte e cinco de agosto de dois mil e dezoito, às dez horas, na sala dos professores da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Nascida em dez de junho de mil novecentos e cinquenta e dois, em Monte Aprazível, São Paulo. Licenciada em: Física pela UFSCar/SP, em mil novecentos e setenta e cinco e Psicologia pela UNORP. Professora de física desde mil novecentos e setenta e seis. Ministrou “Física”, na Etec Philadelpho Gouvêa Netto no período de mil novecentos e setenta e nove a dois mil e onze quando se aposentou. Psicóloga desde a década de noventa, mestre e doutora pelo FAMERP. É terapeuta de família, supervisora em psicodrama, em terapia EMDR, autora de livros relacionados à área de psicologia como: Codependência (Agora). Se amo demais... Não amo! (Raízes). Com amor e com bravura (Raízes), Jogos para terapia com adultos (Raízes e Ciclomuta). Publicou vários artigos, realizou apresentações em Congressos no Brasil e na França, agora em dois mil e dezoito, enfim, um currículo vasto que pode ser consultado na internet: Currículo Lattes [cnpq.br/](http://cnpq.br/) quarenta e cinco, setenta e um, vinte e quatro, dezessete, quarenta e quatro, setenta e quatro, três, dois, nove, dois.

**JR:** Bom dia professora.

**MAJZ:** Bom dia.

**JR:** Com satisfação que realizo esta entrevista para o estudo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, vinculada ao Centro Paula Souza. A professora lecionou nesta escola no período de 1979 a 2011, quando se aposentou, peço que relate sobre sua formação em Física e como veio a lecionar aqui, sua docência na disciplina antes da formação em Psicologia.

**MAJZ:** Bom, primeiro quero agradecer a professora Jurema pelo seu convite porque é uma honra para mim, fico emocionada de estar aqui, trazendo essas lembranças que são caras para mim, são realmente lembranças agradáveis. Eu me formei em Física pela Universidade Federal de São Carlos, foi uma experiência muito interessante, gostei muito de ser formada pela Federal, fui monitora em física na Universidade. Ao longo de minha formação, eu já tinha uma curiosidade muito grande, sempre fui uma pessoa muito curiosa. Ali dei

trabalho para alguns professores porque eu ia antes da aula para perguntar coisas a respeito de coisas que eu sabia que seriam vistas, e que queria de alguma forma saber mais. Isso acabou ajudando com que eu fosse convidada para ser monitora, foi um lado curioso, mas, na verdade, a minha entrada para o território da física foi uma consequência dos anos de minha juventude, porque ainda sou de um tempo em que os meninos saiam fora para estudar e as meninas não. Tive a permissão dos meus pais para estudar em São Carlos porque eu já tinha um irmão estudando lá, então, a Física não foi a minha eleita, foi o que restou, tirando: isso não, isso não, isso não. O meu sonho era medicina, mas não tinha ainda em São José do Rio Preto, só tinha longe, enfim, foi o que foi possível. Na verdade, sempre tive uma vontade de trabalhar dentro da área da saúde, quando me formei em Física pela Universidade Federal de São Carlos e depois fiz complementação na Universidade de São Paulo, um convênio entre USP e Federal. Também não fiquei aí, mas para onde me mudei, lá, em Belo Horizonte, logo depois do meu casamento, logo assim que me formei. Fiz sim uma incursão dentro da Física, saciando curiosidades, mas nunca perdi de vista que o lado humano era um lado que realmente me chamava muito atenção. Então, não foi uma grande mudança para mim, trazer sim, dentro do olhar do ensinar “Física”, em primeiro lugar, o aluno que estava ali, a pessoa que estava ali. Fico muito feliz, hoje, quando encontro pessoas que falam:

- Você é a Tina!

Aquela coisa que acontece na vida de um professor aposentado. As pessoas chegam e falam:

- Você fez diferença na minha vida!

Eu pergunto:

- Por quê?

Não é?! Eu escutei várias vezes pessoas falando:

- Porque a minha autoestima mudou.

Isso me deixa feliz, porque traz pra mim uma informação de que não importa em que área você esteja trabalhando, sempre é possível você olhar para aquela pessoa com quem você está trabalhando. Em primeiro lugar, como uma pessoa, é claro que, dentro do ensino da física, encontrei muitas pessoas que tinham medo de física, que tinham medo de matemática, que tinham medo dessas áreas. E a preocupação, primeiro, era desmitificar esse medo. Dessa forma, não foi tão raro que eu fosse buscar fundamentação para entender melhor como eu poderia fazer isso, dentro do uso da Física.

**JR:** E como você veio lecionar aqui?

**MAJZ:** Eu vim lecionar aqui, tão logo, eu me formei e me casei depois me mudei para Belo Horizonte. Quando de Belo Horizonte vim para São José do Rio Preto, fui trabalhar em cursinho, dando aula em cursinho, e uma colega de cursinho é que me avisou que a Escola Técnica tinha aberto inscrições para dar aulas, e me interessou muito, porque a Escola Técnica era um ponto de curiosidade para mim. Tenho um irmão que estudou aqui e que ajudou a fazer a mudança da Escola, do endereço antigo do prédio que a Escola tinha.

**JR:** Qual o nome dele?

**MAJZ:** Mauro Andrade Junqueira. O Mauro ajudou a fazer a mudança do endereço antigo que era perto de onde é o Rio Preto Shopping para cá.

**JR:** Para frente do Hospital de Base.

**MAJZ:** Isso mesmo.

**JR:** Na Avenida Brigadeiro Faria Lima.

**MAJZ:** Ele fez parte da turminha que ajudou a fazer a mudança. Então eu já tinha um olhar curioso para cá, então, fazer a inscrição para vir para cá, para mim foi uma coisa muito agradável, tanto que eu nunca quis sair daqui. Quando a Escola Técnica deixou de pertencer à Secretaria de Educação para pertencer ao Centro Paula Souza, eu disse:

- Eu não vou.

E foi uma fase bastante difícil, porque eu tinha que optar por continuar dentro da Secretaria da Educação até por uma questão de aposentadoria, etc., ou permanecer no Centro Paula Souza. E eu permaneci, fui uma das poucas pessoas com esta opção, tendo outra opção que era continuar a minha contagem de tempo para essa aposentadoria na Secretaria da Educação. Eu abri mão dessa aposentadoria para não sair da Escola Técnica que, de verdade, eu tinha um gosto muito grande de estar aqui.

**JR:** Que bom, relate para nós sobre sua formação na parte da psicologia, o psicodrama, o trabalho que você fez aqui com psicodrama. É que vi que você foi coordenadora desse projeto de psicodrama, de mil novecentos e oitenta e sete até mil novecentos e noventa e quatro. Então, comente, agora, sobre isso, o que é psicodrama?

**MAJZ:** O psicodrama é um método ativo de lidar com a psicoterapia que é com a educação, que é com a informação de uma maneira geral, que se preocupa em não apenas com a linguagem verbal, mas principalmente com a linguagem corporal junto à ação dentro da psicoterapia. É um método de investigação do que ocorre com a pessoa, mas a pessoa não fala apenas, a pessoa também mostra cenas, mostra situações e dentro da educação isso pode ser aplicado com muita versatilidade e ajudar as pessoas a ter uma compreensão mais profunda dos conceitos. Esse meu voltar para isso, dentro do ensino da física, nem foi aqui que começou. Começou quando eu dava aula dentro do Colégio São José, um colégio bastante rigoroso dentro do ponto de vista de disciplina e tudo mais. Comecei a colocar os meus alunos de pé porque eu gostava de dar aulas de laboratório, era uma maneira de concretizar os conceitos da física visualmente, mas por uma questão de horários, escolhas, eu não era a primeira pessoa a escolher lá. Não fiquei mais com as aulas de laboratório, fiquei com as aulas, diga-se de passagem, mas não com as aulas de laboratório. Foi eu quem implantei lá, também foi eu quem implantei aqui. Enfim, quando fui proibida de usar o laboratório, no Colégio São José, para mostrar as coisas para os meus alunos, comecei a inventar jeitos de fazer isso, então pedia para que ficassem de pé e, que naquele momento, ele, o aluno, era uma lâmpada. E os outros alunos para ser o fio, enfim, o resultado desse trabalho eu levei ao

Instituto de Física da USP, em São Paulo. Fui convidada para apresentar lá e depois de uma gravação que foi feita pela TV Cultura aqui, já no Philadelpho, os alunos mostraram, aqui no pátio, a evolução, era, no caso, de astronomia e, enfim, dar aula deste jeito curioso, diferente, essas coisas me impulsionaram para levar este trabalho, porque fui convidada pelo Instituto de Física da USP em São Paulo. De lá, recebi o convite para levar no primeiro Congresso de Física que fui, foi um Congresso lá em SP/BC, ali, então, mostrei este jeito diferente de ensinar, que, por um lado, me abriu muitas portas, mas, por outro lado, assustou muito as pessoas. E me trouxe um alerta de que eu estava lidando com pessoas, e, que quando coloco uma pessoa em pé para ser uma lâmpada, um pedaço de fio, não ia só o fio, não ia só a lâmpada, ia toda a pessoa junto, e, foi isso que me impulsionou para buscar bases para entender melhor o que era isso. Encontrei no psicodrama respostas para explicar para mim, para me dar um olhar mais cuidadoso, sem perder de vista o humano que estava ali, mas sem abrir mão das ações, das atividades, e vieram essas outras coisas juntas.

**JR:** E você teve esta brilhante ideia de conciliar física com psicologia como relatou. Você coordenou o projeto até mil novecentos e noventa e quatro ou levou mais para frente?

**MAJZ:** Na verdade, o projeto oficial começou a acontecer quando foi aberta a possibilidade de se solicitar a coordenação de projetos, mas estas minhas atividades foram muito anteriores a esta época, na verdade, conciliar atividades de teatro, enfim, de psicodrama, fui buscar, me informei.

**JR:** Formalizou-se o projeto em mil novecentos e oitenta e sete, mas você já fazia antes, anteriormente, e como resultados alcançados você estava relatando, vi no seu Currículo Lattes que você diz das temáticas: “depressão na escola”, “métodos de ensino”, “autoestima”, “sintomas psicossomáticos”.

**MAJZ:** Isso, nessa época, eu já estava formada em psicologia, fiz a minha faculdade em psicologia, ainda não era aposentada aqui, fiz paralelamente e aí, sim, pude usufruir dessa outra formação em psicologia para fazer esse levantamento, pois desde que eles, até falei para vocês, esses alunos que a gente encontra e fala alguma coisa a respeito de mudança de autoestima e tudo mais. Era notório para mim que aquelas pessoas com maiores dificuldades não eram necessariamente pessoas menos inteligentes, mas pessoas com outra ordem de dificuldade. Uma pessoa com depressão, ela tem alterações em nível de neurotransmissores, então o número de neurotransmissores na fenda sináptica que transporta informações do ambiente para o cérebro, e respostas a essas demandas do ambiente, fica deficitário, e isso significa que a pessoa recebe as informações de uma forma distorcida, ela emite resposta de maneira distorcida. Como pode ter uma boa produção, uma pessoa em depressão? E hoje é muito claro, sabe que a depressão não é uma propriedade de idosos ou de adultos apenas, uma criança pode ter depressão.

**JR:** E esse trabalho que você fez, mesmo antes da sua formação em psicologia, favoreceu na questão da aprendizagem do aluno?

**MAJZ:** Segundo as avaliações, favoreceu bastante para mim. Percebi a diferença nas avaliações deles e em resultados de avaliações, mas não só nisso, principalmente nas falas deles, os feedbacks que eles emitiam também.

**JR:** Eu tive o prazer de ver, uma vez, uma prova que você aplicou e que você costumava pedir para ele, o aluno, fazer uma autoavaliação no final da prova.

**MAJZ:** É verdade.

**JR:** Isso era comum?

**MAJZ:** Sim, isso eu fazia frequentemente, para mim era muito importante que a avaliação também funcionasse como uma avaliação do meu trabalho para com eles, porque eu precisava de respostas. Se eu estava atingindo o que eu tinha vontade de atingir com eles, que era sempre essa visão de que para aprender eu preciso estar bem e, para estar bem, eu posso colaborar com isso, fazendo com que ele perceba que ele é bom, que ele é inteligente, que ele é capaz de aprender, que essas coisas que outras pessoas têm medo, que ele já ouviu tanto, como o “bicho papão” da física, que não é uma coisa tão complicada assim, ele aprende, se é tão complicado assim como as pessoas falam, então ele é muito bom, isso reverte na autoestima.

**JR:** Quebra o tabu do medo?

**MAJZ:** Sim, quebra esse tabu, a pessoa vê que é possível aprender. Para mim, era muito e, é ainda até hoje, o seguinte: uma pessoa, ela não vai saber física para o resto da vida dela, a física para mim era apenas um meio, então aqueles conteúdos que ela aprendeu, eles vão fazer parte da vida dela conforme o que ela escolher fazer na vida. Ela vai esquecer, são conteúdos importantes em determinadas áreas, mas não em todas as áreas, no entanto, ela descobrir que ela é capaz de aprender, que ela é capaz de lidar com isso, isso não vai esquecer nunca. Então isso de fato era o principal.

**JR:** Então a autoestima é fundamental?

**MAJZ:** É, recebi esse tipo de feedback nessa autoavaliação.

**JR:** Vamos lembrar agora da peça que, bom, você dirigiu duas peças, você dirigiu uma peça com os alunos, criada pelos alunos, que foi apresentada na terceira Mostra em mil novecentos e oitenta e sete, que é a peça “De Aristóteles a Galileu”, e depois você dirigiu outra peça em mil novecentos e oitenta e oito, “Indução Magnética”, que foi apresentada na Noite de Talentos no Teatro Municipal, também criada pelos alunos. Como que foi?

**MAJZ:** Olha primeiro é interessante eu falar de onde veio isso, porque por essa época eu fazia avaliação, pelo menos duas modalidades de avaliação, bem,

na verdade eram três, eles tinham uma avaliação de relatórios de laboratório, porque eu abri esse laboratório aqui, que na verdade era um espaço de depósito. Tinha muitas caixas, tinha uma mesa imensa de ping e pong, cheia de cupins, enfim, era um espaço que não era utilizado como laboratório, muito embora, oficialmente ele tivesse sido construído para isso. Então, tinha piso dos dois lados, não tinham aquelas mesas que provavelmente existem até hoje e passaram a existir bem mais tarde, não é, mas, enfim, eles tinham provas de laboratório, tinham prova escrita, e tinham a prova de dramatização. Assim, eles mostravam através das cenas aquelas coisas que eram mais abstratas, que mesmo dentro de um laboratório é possível você mensurar corrente elétrica, você tem aparelhos para medir isso, o multímetro mede tranquilamente, mas eu queria saber se eles tinham entendido o que tinha acontecido dentro do fio, e para eu saber disso eles podiam me mostrar, fazendo de conta, sabe que sei lá quantos eram o fio e qual era o papel dos elétrons dentro dessa atividade, e por que, às vezes, um fio, só pelo fato dele ser um fio não tem corrente elétrica. O que é que mobilizava era saber se havia corrente elétrica em determinados momentos e outros não. Então, isso eram coisas que eles só poderiam me mostrar, ampliando esse fio tão grande mais tão grande que um elétron era uma pessoa. Eles mostravam essas provas de dramatização, que eles haviam entendido realmente sobre os conceitos, eram três tipos de provas. E dessas provas, sabe, é que eles foram fazendo cenas tão lindas que a minha vontade era de expandir isso, era de mostrar, e surgiram essas peças como produtos dessas avaliações, como também surgiu uma oficina que era no início uma oficina de consertos de aparelhos eletrodomésticos. Aliás, nessa Mostra Técnica tinha também paralelo ao teatro, um grupinho de alunos no laboratório dando aula de como consertar aparelhos eletrodomésticos durante a Mostra. Isso aconteceu também como subproduto desse trabalho. Nessa oficina, eu dava força só, tinham alunos monitores, aliás, teve um aluno monitor que foi um menino, não consigo me lembrar, esse menino era albino, ele enxergava pouquíssimo, ele se formou e continuou mais três anos sendo coordenador dessa oficina que se transformou numa oficina de criatividade. Ali inventavam coisas, isso tudo foi um subproduto dessas atividades, dessas coisas, e essas duas peças de teatro, então, foram subprodutos dessas provas de dramatização, que aí eles formataram como um teatro e apresentaram. A primeira peça foi “De Aristóteles a Galileu”, foi ali embaixo nas árvores, nós conseguimos fazer com que a prefeitura montasse um anfiteatro de circo, sabe. Era um semicírculo de circo, os alunos se apresentavam ali, puseram o palco, sabe, foi lindo, foi realmente muito lindo.

**JR:** E a outra peça foi na Noite de Talentos?

**MAJZ:** É que também começou nas provas que eram feitas dentro do laboratório, e ali também eles formalizavam, realmente, a indução eletromagnética. Indução eletromagnética é um conceito difícil de aprender, porque consiste, por exemplo, em você conseguir estabelecer corrente elétrica em um fio que não está ligado na tomada, uma espira, uma bobina que não está ligada na tomada. Você faz isso por indução eletromagnética. A indução eletromagnética consiste em você variar o fluxo de corrente elétrica dentro de

uma espira, dentro de uma bobina, e essa variação de fluxo magnético, ela estabelece, vamos dizer assim, uma “vontade”, se é que é possível falar assim, da bobina não permitir essa variação de fluxo magnético, ela cria uma corrente magnética no sentido de “tentar” manter constante esse fluxo magnético dentro dela. Se você desliga a corrente, o fluxo vai embora, ela tenta fazer uma corrente no mesmo sentido de fluxo que havia, então, você consegue induzir corrente sem ter ligação na tomada, na bateria, enfim, estabelecer corrente elétrica ali dentro, você consegue estabelecer uma corrente no sentido oposto no momento em que você desliga a corrente elétrica daquela bobina que está sendo a geradora do pulso magnético. Esse é o princípio do transformador elétrico, quando você na sua casa tem, por exemplo, eu me mudei de Belo Horizonte para São José do Rio Preto, e em Belo Horizonte a tensão elétrica é duzentos e vinte volts, e a de Rio Preto é cento e dez, então, para usar a minha geladeira eu tive que comprar um transformador. O princípio do transformador é esse, de uma bobina original ter bobinas de diferentes números de espiras, que são chamadas secundárias, e quando você varia o fluxo de corrente alternada dentro da bobina primária, estabelece corrente induzida, tensão induzida, e se ligar, se completar um circuito, corrente induzida dando a bobina secundária, que dependendo do número de espiras, você pode aumentar essa tensão elétrica ou diminuir essa tensão elétrica original, por isso que chama transformador, porque transforma uma tensão elétrica de um valor em uma tensão elétrica de outros valores.

**JR:** Estamos recebendo uma aula de física! Bom, o Centro Paula Souza está fazendo o mapeamento de docentes com formação em psicologia e psicopedagogia, para um futuro trabalho com os alunos em 2019. Dê o seu parecer sobre isto, já que você já era idealizadora do projeto de psicodrama desde a década de oitenta.

**MAJZ:** Olha, fico feliz que isto esteja acontecendo, ainda que na minha visão tardiamente, mas antes tarde do que nunca. Antes de ser coordenadora deste projeto nos anos oitenta, fui muitas vezes à Secretaria da Educação em São Paulo e ao Centro Paula Souza solicitar que isso acontecesse. Solicitar que os alunos não só da Escola Técnica, mas todos os alunos em geral, tivessem um apoio, porque a produção é diferente quando a pessoa não está bem e quando ela é assistida, o resultado da aprendizagem é diferente. Fui muitas vezes, e sou muito grata pelos meus primeiros diretores que eu tive aqui, Clóvis Sanfelice e Doutor Armando, foram pessoas que me ouviram, eles me conheceram desde quando eu vim para cá, e acreditaram no meu trabalho, então, quando eu chegava, quando foram para a Diretoria Regional de Ensino, eu me lembro até hoje, e tenho muita gratidão, eu chegava lá e falava:

- Senhor Armando, será que...

E ele falava:

- Pode!

**JR:** O senhor Clóvis?

**MAJZ:** Primeiro foi o seu Armando. Era assim, o senhor Clóvis era o Diretor da Divisão Regional de Ensino, e o seu Armando, quando saiu da direção

daqui, foi ser Diretor do Ensino Secundário. Então eu me reportava ao senhor Armando primeiro e o seu Armando me levava ao senhor Clóvis.

**JR:** Que era do Ensino Secundário?

**MAJZ:** Que era do Ensino Secundário. Então quando eu chegava e falava:

- Seu Armando, eu posso...

Ele falava:

- Pode!

- Agora me pergunte o que é que você precisa.

Sabe, essa confiança em meu trabalho me ajudou muito, porque me ajudou com pequenos favores, por exemplo, para eu fazer a minha especialização em psicodrama não tinha por aqui, era só em São Paulo. Eu precisava me deslocar daqui e ir para lá uma vez por mês, eu tinha o curso durante todo o final de semana a partir da sexta-feira, precisava pedir um aval para me afastar das aulas daqui, e precisava também de apoio financeiro que eu não tinha, então, frequentemente ia à Diretoria Regional de Ensino, precisava levar a documentação e fazer determinadas coisas lá na Diretoria de São Paulo, e precisava que fossem pessoas que soubessem fazer isto, eles me orientavam e eu ia com esta incumbência, de ir na sexta-feira à Secretária da Educação de São Paulo, aí eu tinha uma razão para ir, e conseqüentemente eu recebia um aval, um apoio e uma diária. Este apoio e a diária (que não era grande, mas me ajudava muito), me ajudou na minha formação, nada mais justo que eu revertesse o que eu estava aprendendo aqui, e fazia com muito gosto, aliás, fui buscar quando já fazia. Então, o que eu contava, que por um lado, acreditar em mim fez muita diferença na minha vida, por isso uma imensa gratidão a eles e a Escola Técnica também. Depois isso me ajudava a ter clareza de que se eu mostrasse para os meus alunos que eu acreditava que eles eram capazes de aprender aqueles conceitos, por mais que eles já tivessem ouvido falar que era muito difícil, eu estava ajudando que eles tivessem a mesma confiança que eu tive, vivi na pele isso, eu aprendi na minha pele isso que eu tentei transportar para meus alunos.

**JR:** Deixe uma mensagem para nós.

**MAJZ:** Confie em você, você é capaz, procure fazer coisas que acredita de verdade e, sobretudo, o que gosta. Se fizer isso, vai ser feliz e bem-sucedido. Posso falar isso porque, até hoje, estou velha, aliás, me deixe corrigir, não estou velha, estou idosa, mas faço o que gosto, e faço o que eu acredito. Quando eu entrei aqui, hoje, você falou para mim:

- Você voou!

E eu agradeço muito essa sua observação. Eu concordo com você, voei sim, sei disso e eu sinto, sinto que voei, quando saí daqui eu já precisava muito de um tempo para ir fazer esses outros passos que já estava incluindo na minha vida, e eu realmente voei, eu voei, assim como vou continuar voando, continuo muito curiosa. Então, dentro da minha especialidade na psicologia, fui aprender recursos que respondessem que a psicologia era sim possível trazer resultados, porque quando me formei em psicologia quase abandonei. Falei essa coisa aqui que tem razão quem fala que ser psicólogo é ter amigo pago,

mas eu não quero ser amigo pago, eu quero aprender que jeito cuida e que jeito trata, e assim eu fui buscando mais e mais. Hoje, trabalho dentro de uma metodologia que se chama EMDR (Dessensibilização e Reprocessamento por Movimentos Oculares), com estimulação cerebral e lateral, e tenho constatações científicas desses artigos que você falou. Enfim, as minhas apresentações em Congressos são resultados de constatações, mas dentro disso eu também fui e continuo curiosa, porque o método EMDR foi criado há trinta anos por uma psicóloga norte-americana chamada Francine Shapiro, que traz efetivamente resultados e tem constatação científica por exames de pet scan, que mostra como está o cérebro antes e como está o cérebro depois, mesmo assim existem casos que são muito graves, que são gravíssimos, e tenho curiosidade de saber. Mas e para esses casos? Quando a pessoa se dissocia na tua frente, ela não tem haver com a outra, como você lida com isso, e isso me levou, me trouxe a possibilidade de criar jogos, e estes jogos levei para os Estados Unidos no ano passado, levei na França este ano, e quero mais. Por isso estou falando, é a minha correção, estou idosa, sei que estou velha, criatividade é uma coisa infinita gente. Sabe, quando mais você exercita, mais a criatividade acontece na vida, não pare. A minha mensagem é esta: acredite em você, faça o que você acredita, e você não vai parar nunca, até que um dia a natureza fale:

- Stop!

Aí pronto.

**JR:** Eu sou uma admiradora do seu trabalho e também da sua pessoa, quero agradecer, muito obrigada por esta oportunidade, estou até emocionada.

**MAJZ:** Eu que agradeço, Jurema! Você é uma criadora linda, que trouxe o teatro para dentro da escola de uma maneira formal e de uma maneira que leva de verdade as pessoas lá para apresentar o teatro e isso é trabalhar a autoestima. Gosto muito de você.

**JR:** Obrigada, também gosto muito de você, obrigada. Agradeço meus alunos monitores: a Victória e o Erick. Muito obrigada!

### **Descritores**

Componente Curricular de Física

Universidade Federal de São Carlos

Universidade de São Paulo

Indução Eletromagnética

Bobina

Fluxo Magnético

Corrente Magnética

Transformador elétrico

Tensão elétrica

Espiras  
Psicologia  
Psicodrama  
Aprendizagem  
Feedback  
Autoavaliação  
Dramatização  
Teatro  
Peça Teatral de Aristóteles a Galileu  
Peça Teatral Indução Magnética  
Etec Philadelpho Gouvêa Netto  
Laboratório de Física  
Mostra Técnica  
Mapeamento de Docentes  
Formação em Psicologia e Psicopedagogia  
Centro Paula Souza  
EMDR (Dessensibilização e Reprocessamento por Movimentos Oculares)  
Francine Shapiro  
Estimulação Cerebral e Lateral  
Neurotransmissores  
Depressão  
Sintomas Psicossomáticos  
Autoestima  
Confiança  
Avaliação  
Constatação científica  
Exames de pet scan  
Maria Aparecida Junqueira Zampieri  
Jurema Rodrigues

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



Maria Aparecida Junqueira Zampieri é licenciada em Física pela UFSCAR/SP (1975), Especialização em Psicodrama Pedagógico Supervisor - ARC/SP (1988), Psicologia – FARFI/SP (1994). Professora de Física da Etec Philadelpho Gouvêa Netto de 1979 a 2011. Coordenadora do Projeto Psicodrama na Educação na ETESG Philadelpho Gouvêa Netto (1987 a 1994). Dirigiu as peças criadas pelos alunos da ETESG Philadelpho Gouvêa Netto: “De Aristóteles a Galileu”, apresentada na 3ª Mostra Técnico da Instituição (1987), e “Indução Magnética” apresentada na Noite dos Talentos da Instituição, apresentada no Teatro Municipal (1988). Mestre e Doutora pela FAMERP. Terapeuta de Família. Supervisora em Psicodrama e em EMDR. Autora de livros: Codependência (Àgora); Se amo demais... Não amo! (Raízes); Com amor e com bravura (Raízes); Jogos para terapia com adultos (Raízes e Ciclomuta). Artigo publicado ([Frequency of Migraine, Presence of Neuropsychiatric Symptoms and Attachment Style: Comparative Study](#), (2018) J Neurosci Neuropsych 2: 203. doi: 10. Apresentações em congressos: Congresso Brasileiro de EMDR: "Oficina EMDR & Pesquisa" (2016); EMDRIA Conference, Seattle: "Inference exercises: EMDR and family therapy games in a case of OCD" (2017); EMDR Europe Conference, Strasburg: "Systemic games with EMDR as a strategy of affective regulation for complex trauma" (2018). Mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/4571241744743292>.

## Dados Biográficos da entrevistadora



Jurema Rodrigues é Licenciada em Letras – FARFI/SJRP - (1984). Licenciada em Pedagogia – Associação Cultural de Barretos (1990). Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela USP/CENP (1991). Treinamento em Língua Portuguesa – UNESP (1993). Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa – UNESP/IBILCE (2005 a 2007). Especialização em Educação Básica - ISEB (2010) e Especialização em Educação Especial Inclusiva - ISEB (2011). Especialização em Língua Portuguesa – UNICAMP (2011). Professora do Estado de São Paulo (1986 a 2011). Coordenadora Geral do CEFAM (1996 a 1997). Professora da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1996 a 2018). Participa do GEPEMHEP do Centro Paula Souza desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2013 a 2018) e autora da historiografia publicada no link Centro de Memória, do site [www.philadelpho.com.br](http://www.philadelpho.com.br). Artigos apresentados no Centro Paula Souza: Metalografia - Base Conceitual de Colpaert como Referência Teórica e Prática no Curso de Mecânica (2013), Coleção de Arnaldo Cecconi – Práticas Pedagógicas da Cultura Escolar do Curso De Mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2014), Arquitetura escolar e práticas escolares e pedagógicas da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (2016), Abordagem curricular nas narrativas de história oral como contribuição para o registro histórico das práticas e dos artefatos do Curso Técnico em Edificações (2017),

Fotografias e Publicações Jornalísticas da Década de 70: Referência Histórica no Acervo do Centro De Memória Da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2018). Publicações de Livros: Apropriação de espaços da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, Ed. Clube dos Autores (2016); Laboratório de Mecânica e Mecatrônica, Ed. Clube dos Autores (2016). Capítulo intitulado História oral com o professor Clóvis Sanfelice, do livro digital História Oral na Educação: memórias e identidades – SP: Centro Paula Souza (2014). Capítulos publicados nos livros do Centro Paula Souza: Metalografia - Base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática nos cursos de mecânica e mecatrônica (2015). Coleção de Arnaldo Cecconi: práticas pedagógicas da cultura escolar do curso de mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2017).

**Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):**

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem